



DICIONÁRIO DOS DELÍRIOS

Um dos artigos da revista associa “delírio” a esse momento excepcional em que o sujeito tem a ilusão de encontrar o objeto total de seu desejo, que saciaria todos os desejos de toda a sua vida. Não mais que um “delírio”, já que a única forma de parar de desejar é a morte.

Na crítica, esse delírio se dá em forma de conceitos. Construimos estruturas teóricas, conceitos, que nos permitem ter a ilusão de dar conta de um efeito de leitura que, na verdade, só pode ser explicado com o silêncio. Neste editorial, selecionamos os delírios de nossos articulistas e, inspirados na estrutura da resenha sobre o livro *Bardadrac*, de Gérard Genette, propomos, para apresentar o número 2 da Revista, um “dicionário de delírios”.

Amálgama discursivo: O livro em si não teria uma existência independente, ele só obteria significação dentro de um processo de retro-alimentação, onde discursos diversos dialogariam entre si para formar o amálgama discursivo que é a literatura. Luciana Antonini Schoeps em “À roda dos delírios de morte em Machado e Flaubert”, se vale dessa discussão da teoria de Foucault para explicar como Flaubert e Machado usam estruturas próprias da psicanálise sem jamais ter lido Freud.

Diálogo: Relação é o encontro de consciências. Essa é a definição que Samuel Rawet (escritor judeu polonês que viveu no Brasil) emprega em sua literatura. Leo Agajejev de Andrade, em “O desencontro literarizado: Samuel Rawet e o hassidismo de Martin Buber”

,
parte da
Filosofia
do diálogo

elaborada por Martin Buber (filósofo judeu de origem austríaca), para relacionar os autores e observar como a necessidade de uma ética inter-humana participa da obra de ambos, ainda que se oponham quanto aos modos de realização.

Grau um da escritura: A obra de Roland Barthes sempre teria girado em torno do grau zero, um momento mítico de encontro do sujeito e do objeto literários, o momento em que o livro lido pelo leitor transforma-se no livro que ele vai escrever. Nesse ponto preciso, não haveria ainda escrita, haveria apenas silêncio. Segundo Claudia Amigo Pino, em “Écrire sans écrire”, Roland Barthes teria se proposto a sair desse silêncio que inunda toda a sua obra e entrar no grau um da escritura: escrever um romance. Mas esse romance teria morrido atropelado, junto com o autor, em fevereiro de 1980.

Inutilidade de explicações: Assim Baudelaire acaba sua primeira tentativa de prefácio: “de repente, uma indolência, do peso de vinte atmosferas, abateu-se sobre mim, e eu parei diante da pavorosa inutilidade de explicar qualquer coisa a quem quer que seja”. A tradução dos projetos de prefácio de *As flores do Mal* feita por Grace Alves da Paixão oferece-nos a oportunidade de observar a escritura de um paratexto no qual aparece uma discursividade diversa sobre a estética e o pensamento baudelairiano. Se no poema “Au lecteur” temos que interpretar qual a visão do autor em relação à sua obra e ao leitor, podemos agora nos deliciar com as ironias desnudadas e mensagens diretas aos que não compreenderam sua poética.

Literatura exterior: Na contramão da corrente crítica que define a obra de Machado de Assis como uma “formalização estética da experiência”, Tiago Guilherme Pinheiro, em “A indeterminação em *Esau e Jacó* – problemática de uma literatura exterior” vê nesse romance uma crítica à literatura como confirmação de estruturas sociais. Ao contrário disso, seria a própria literatura de Machado que criaria, por meio da desestabilização da figura do autor, um espaço exterior.

Não do pai: Fabiana Rached de Almeida-Abi, em “A imagem do pai em *Lavoura Arcaica*” recorre a vários conceitos da psicanálise, entre eles o “nome do pai”, de Lacan. O nome do pai seria de alguma forma o *não* do pai, porque, ao mesmo tempo em que integraria socialmente o filho, delimitaria os acessos de realização de desejos. No filme de Luiz Fernando Carvalho, esse não do pai seria representado por enquadramentos de câmera que dariam ao pai a magnitude de uma estátua, uma figura única, que não se desmembraria, ao contrário do filho.

O fluido e o indistinto: Acácio Luiz Santos, em “As metamorfoses da pedra: prolegômenos à crítica de *Pedra do sono*, de João Cabral de Melo Neto, da 3ª. para a 4ª. edição”, observa as mudanças entre versões

,

passando pela análise de elementos paratextuais e mudanças textuais; além disso, também analisa as supressões de poemas e a estruturação do livro. Esse traçado permite a Acácio entender como ocorreu a valoração do indeterminado, da concisão e da autonomia na escrita cabralina. Assim, por meio de persistentes reestruturações, João Cabral foi construindo seu estilo no sentido de abandonar o dramático e narrativo, escolhendo a fluidez e a indistinção.

Perífrase: A lascívia cede espaço para o virginal. Essa é a substituição da figura emblemática de Cleópatra por Salomé. Na análise do poema “Salomé”, de Mallarmé (na tradução de Augusto de Campos), acompanhamos a passagem da personagem bíblica para as releituras literárias, nas quais, ao realçar a sexualidade e o desejo de satisfação numa sociedade castradora, ocorre a valorização de Salomé, tornando-a um *topus* do fim-do-século. Álvaro Cardoso Gomes, em “Salomé, a musa do fim-do-século”, mostra ainda como a figura da dançarina converge dramaticamente para a figura do poeta, servindo como perífrase do ato de criação poética.

Silêncio: “Como falar do silêncio, senão com um silêncio meu, no qual eu pudesse sentir os ecos que eu lia?” Esse é o principal questionamento de Ana Amélia Barros Coelho, na sua resenha “*Bardadrac: ABC de Gérard Genette*”. O objetivo inicial de elaborar uma resenha transformou-se assim em um relato autobiográfico, no qual ela se refere a esses silêncios de Genette: silêncios da atividade crítica, mas discursos de subjetividade.

Transgressão pós-utópica: Em “A transgressão moderna e pós-utópica de Ulisses”, Carolina Dônega Bernardes lê o mito de Ulisses no poema *Finismundo*, de Haroldo de Campos, não como uma afirmação da tradição, mas como uma transgressão. Haroldo usaria a personagem Ulisses apenas para mostrar sua impossibilidade: o heroísmo seria uma idéia por demais romântica e utópica para ser cantada e vangloriada na modernidade. Assim, a re-criação de Haroldo de Campos, que apresentaria um Ulisses comum, sem fama, sem viagem, sem aventura, seria uma transgressão que questionaria a utopia do mito.

Mônica Gama

Claudia Amigo Pino

Editoras